

Enviado em: 22/04/2009 - Aceito em: 02/09/2009

FORMAÇÃO DE EDUCADORES: IMPLICAÇÕES HISTÓRICAS DO NEOLIBERALISMO - IDEOLOGIA E CONSCIÊNCIA.

Aparecido Francisco Bertochi¹
Maria Cecília Braz Ribeiro de Souza²

RESUMO: Nossa pesquisa² buscou aprofundar o tema da formação de educadores numa sociedade de classes com base nos conceitos de ideologia e consciência como categorias a serem apreendidas pelos educadores. Desta forma buscamos contribuir para a reflexão de educadores, objetivando a apropriação dos conteúdos necessários à emancipação humana e do trabalho. Nesta perspectiva nos baseamos no Materialismo Histórico e na Teoria Histórico-cultural como elementos fundantes para a compreensão da análise que realizamos, tendo as propostas neoliberais como discurso oficial nas diretrizes pedagógicas e que influem substancialmente na formação de educadores. Identificamos uma orientação pragmática, instrumentalizadora, ideológica e fomentadora dos discursos oficiais neoliberais e das práticas vazias referenciadas por um debate despolitizador baseado na falsa premissa da neutralidade científica. Neutralidade esta que intenta caracterizar o educador como um ser a-político descontextualizado da realidade, quando em verdade, esta formação deformadora, o transforma em mero reproduzidor educacional, ideológico e cultural dos valores neoliberais.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de educadores; ideologia; consciência; neoliberalismo.

ABSTRACT: Our research sought to examine the issue of teacher

¹ Sociólogo, Mestre em Ciências Sociais pela UNESP - Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - Campus de Marília - SP. Docente da UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus de Realeza - PR. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura e Política do Mundo do Trabalho.

² Psicóloga, Mestre em Psicologia e Doutora em Educação pela UNESP - Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - Campus de Assis e Marília SP - Docente do Curso de Pedagogia da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu - PR. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Educativas - MEDIAR - Membro do NEDDIJ - Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e Juventude - Foz do Iguaçu.

³ Pesquisa realizada entre 2008-2010 - Consciência e ideologia: a influência da ideologia na formação de educadores - supereando as propostas neoliberais.

training in a class society based on the concepts of ideology and consciousness as categories to be learned by educators. Thus we seek to contribute to the reflection of educators, aiming at the appropriation of the necessary human emancipation and labor. In this perspective we rely on Historical Materialism and the Theory culturalhistoric elements as a foundation for understanding the analysis that we performed, and the neoliberal discourse as official guidelines that influence consubstantially educational and training of educators. We identified a pragmatic orientation, instrumen ideological and fuels the official discourses and practices of neoliberal empty referenced by a depoliticized debate based on false premise of scientific neutrality. Neutrality that attempts to characterize this as an educator to be decontextualized and political reality, when in fact this formation deforming the player transforms into a mere educational, ideological and cultural values of neoliberalism.

KEY-WORDS:training of educators, ideology, consciousness; neoliberalism.

1 Considerações histórico e política sobre o neoliberalismo na educação

Trataremos aqui de uma breve discussão com vistas a analisar e discutir as perspectivas da formação escolar de educadores na sociedade capitalista e deslindar se o sistema burguês neoliberal proporciona um modelo de educação direcionada e planejada para libertar ou para aprisionar os seres humanos. A crise do modo de produção *fordista*, que nos países de capitalismo tardio demorou a chegar e a sua substituição pelo modelo *toyotista*, encontrou a educação brasileira em condições favoráveis para sofrer uma reforma destinada a absorver os novos valores neoliberais que surgiram em meados de 1970-1980 nos países centrais do sistema do capital, devido às reformas anteriores que os militares já haviam implantado. Com o término da Ditadura Militar, em 1985, o novo governo de José Sarney, assim como aqueles que o sucederam, adotaram uma política direcionada ao que se intitulou: processo de democratização do ensino. O grave é que alguns setores do espectro da esquerda brasileira defendiam, na época, que isto contribuiria para a superação do sistema capitalista, pois agora, findo o Regime de

Exceção, a revolução se faria por meio da educação.

Nessa percepção político educacional equivocada, por seu reformismo ingênuo, pois, nesse processo de democratização do ensino brasileiro caberia a educação proporcionar uma formação capaz de elevar o homem a um nível de conhecimentos que o libertaria das amarras ideológicas, sociais e econômicas do sistema metabólico do capital para transformar a sociedade burguesa num processo revolucionário.

Todavia, mais uma vez o reformismo entreguista de nossos tecnocratas oficiais e privados conservadores entendeu, desvirtuou e vendeu a idéia de que a educação seria uma panacéia que poderia solucionar os problemas sociais e políticos decorrentes de mais de 500 anos de espoliação, escravidão, exploração e da apropriação da riqueza social do país por uma minoria egóica. A educação seria então, nessa perspectiva ingênua e, por outro lado, nessa visão ideológica capitalista interesseira, a promotora da equidade social, da inclusão, da ascensão profissional e do crescimento econômico individual.

Porém, não tardou para que alguns setores da comunidade educacional e intelectual do país começassem a perceber que esse processo não passava de uma mera expansão quantitativa de unidades escolares e também do número de vagas ofertadas com péssima qualidade de ensino. Esse processo tinha por mero objetivo garantir o acesso à educação gratuita para todos enquanto um dever do Estado burguês como havia sido definido na Constituição Federal de 1988, e, sobretudo, para continuar a mantê-la sob a direção ideológica e tutelar estatal.

Todavia, em meados da década de 1990, após os fracassos educacionais perceptíveis nos governos de Fernando Collor e de Itamar Franco, já não era mais possível ocultar a profundidade da crise educacional brasileira. O fracasso escolar resultante deste processo de democratização do ensino tornou-se cada vez mais nítido, apesar das negativas em admiti-lo por parte do governo de Fernando Henrique Cardoso que o sucedeu. A construção de unidades escolares pelo país por si só não foi capaz de garantir a oferta de uma formação educacional de qualidade, de valorização do conhecimento científico e do papel profissional dos professores. Ao contrário, tal processo apenas conseguiu garantir a instituição dos Ciclos escolares de (des)informação cultural e científica, enquanto produtores de

uma formação voltada para a disciplina, a imposição ideológica de uma política educativa de cunho capitalista que preconizava a submissão e o conformismo sociopolítico.

O avanço do ideário neoliberal por meio da expansão das redes educacionais privadas, do *boom* das faculdades isoladas, de centros universitários e de universidades privadas propugnado por nossas elites econômicas, intelectuais e políticas e a sua ampla aceitação sem maior resistência por grande parte da comunidade educacional e de setores da esquerda, a partir do governo de FHC na década de 1990, significou o agravamento dessa política de natureza puramente quantitativa e também da ampliação do processo de sucateamento da educação pública no Brasil.

O fato de a ciência e a tecnologia terem se tornado um fator produtivo direto do sistema de produção e reprodução do capital significou também maiores investimentos em construção e ampliação de redes e escolas técnicas para formação e preparação de mão-de-obra qualificada e alienada ideológica e politicamente, para suprir o mercado de trabalho capitalista brasileiro.

Sob as diretrizes impostas pelo FMI - Fundo Monetário Internacional e acatadas pelo governo de FHC, que violavam a soberania decisória do país, a educação brasileira abriu-se aos princípios educacionais neoliberais destinados a aceitação dos pressupostos que norteavam o processo de globalização financeira, ao sucateamento de nosso sistema universitário público de excelência e a instituição da privatização do sistema de ensino brasileiro. A educação nesse processo passou a ser entendida como uma mera mercadoria disponível para a venda e a compra, marcando assim o fim de um pseudo Estado ético e educador, como já propugnava Gramsci no início do século XX.

As considerações acima permitem-nos afirmar que a formação de educadores no Brasil perpassa muitos elementos. Entretanto, buscamos em nossa pesquisa fazer um recorte diante de tais possibilidades em se pensar a formação crítica dos educadores e, neste sentido escolhemos os temas da consciência e da ideologia como aqueles que necessitam serem rediscutidos a partir da construção histórica destes conceitos, bem como considerando as políticas atuais endereçadas ao educador.

Um primeiro princípio a ser investigado em nossa pesquisa é o conceito de ideologia para o marxismo. O segundo é o de consciência. Tais conceitos nos subsidiam a pensar a formação do educador numa perspectiva histórica, materialista e dialética visando compreender como a ideologia é inculcada na formação de educadores, e como se constitui a formação da consciência. Portanto, para isso, é necessário tecer algumas considerações sobre o conceito de ideologia e consciência que orientam nossa discussão.

2 Uma apreensão sobre os conceitos de ideologia e consciência e a educação

Segundo Konder (1998) uma das primeiras tarefas com que teria se defrontado o novo materialismo prático teria sido aquela de buscar explicar o mecanismo da formação das ideologias.

Marx e Engels procuraram desincumbir-se dessa tarefa no livro *A Ideologia Alemã* (*idem*, p.62). Em Marx e Engels encontramos uma análise do conceito, o qual tem como objeto privilegiado um pensamento historicamente determinado. (CHAUI, 1980). Nesta perspectiva histórica, os homens adotam e utilizam determinadas formas de representação da realidade, que se traduzem nas várias maneiras de pensar tal realidade. Assim, criam sua escala de valores, vislumbrando os objetivos que devem perseguir em sua trajetória. Para Konder (*op cit*) é o conjunto dessas formas de representação da realidade e dessas normas que os indivíduos proclamam ou realizam em seus comportamentos que constitui a ideologia.

Na concepção de Gorender (1998), o significado conferido por Marx e Engels ao termo ideologia representa a questão chave na mudança colocada pela primeira formulação do Materialismo Histórico. Embora, eles fizessem várias análises sobre as manifestações da ideologia, nunca deixaram de empregar o termo adotado em *Ideologia Alemã*, o da ideologia enquanto consciência falsa, equivocada, da realidade.

Marx e Engels procuram mostrar a existência de um elo necessário entre formas invertidas de consciência e a existência material dos homens, pois acreditam que é essa relação que o conceito de ideologia expressa, referindo-se a uma distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e as oculta.

(BOTTOMORE, 2001). Outras conotações foram dadas ao conceito, sobretudo após a morte de Marx, por Lênin e outros.

Ao se referir à consciência, os autores a colocam como condição necessária em sua atividade social. Consciência falsa que não resulta de manipulação calculista, mas de necessidade de pensar a realidade sob o enfoque de determinada classe social, no quadro de suas posição e funções, das suas relações com as demais classes.

Portanto consciência e ideologia são conceitos que se integram às discussões na compreensão do modo como interferem na realidade e na formação do trabalhador, do educador e, sobretudo, na formação de educadores. Para o marxismo, manipulação e propagandismo têm sua matriz na ideologia, como traduções em níveis culturais inferiores e para o enfrentamento de injunções imediatas.

Neste sentido faz-se importante a compreensão da categoria trabalho como a expressão máxima da atividade humana apresentada pelo marxismo. Também aqui, vimos a concepção materialista histórica colocada como eixo fundante na compreensão do caráter e da condição humana para Marx.

Segundo Chauí (1981), "Marx concebe a história como um conhecimento dialético e materialista da realidade social" (p.83). Portanto, historicamente, com a divisão social do trabalho desapareceu a possibilidade de se desenvolver um ponto de vista universal, espontaneamente comum a todos os homens, ou seja, o caráter materialista histórico e dialético possibilita-nos uma reflexão sobre a condição humana e a divisão de classes no seio da sociedade. A classe dominante exploradora do trabalho alheio busca fazer as classes dominadas acreditarem que o seu ponto de vista particular corresponde à expressão natural e universal conveniente a todos os homens.

Neste sentido, a classe dominante utiliza-se do aparelho ideológico do Estado para inculcar nos indivíduos das classes exploradas sua ideologia, visando justificar a exploração. A doutrina marxiana considera o mundo em estado de contínuo movimento e desenvolvimento, no decurso do qual todos os fenômenos se entrelaçam e atuam uns sobre os outros. Esta concepção dialética está intrinsecamente ligada ao materialismo. Tal concepção se encontra relacionada com as ciências naturais e as ciências humanas e orienta-se para o estudo da natureza e dos homens.

Desta forma, está a serviço das classes sociais interessadas em ter um conhecimento científico do mundo e em utilizá-lo em benefício das transformações sociais. O materialismo é a doutrina das classes progressistas da sociedade. A classe mais progressista da sociedade contemporânea é a classe operária. (CHAKHNAZÁROV e KRÁSSINE, 1985).

No entanto, o poder da classe dominante nem sempre ocorre sem enfrentar algumas formas de resistência, pois, às vezes uma classe ou fração social se eleva para contestar a legitimidade do sistema sócio político econômico vigente. Porém, a disseminação de ideias revolucionárias no interior de uma sociedade só é possível quando uma classe revolucionária atua em seu interior.

Na visão de Mészáros (1993; 2005), o tipo de educação que foi institucionalizada nos últimos 150 anos teria servido ao propósito de fornecer os conhecimentos, o pessoal necessário ao funcionamento da máquina produtiva do sistema do capital e para a geração e transmissão de valores que legitimariam os interesses dominantes.

Na concepção marxista o papel da escola é reproduzir desigualdades sociais, na medida em que contribui para a reprodução da ideologia das classes dominantes e mesmo para a reprodução das próprias classes sociais, inculcando códigos, símbolos e valores das classes dominantes, sendo imprescindível para a reprodução do sistema capitalista burguês. Por isto, para CHAKHNAZÁROV e KRÁSSINE (1985), até a atualidade, tanto as ideologias das classes dominantes quanto as das classes que conseguiram se erguer contra a dominação e a exploração a que estão submetidas, têm sido formas unilaterais de representação da realidade na consciência dos homens.

Portanto, a consciência de tipo ideológico, devido à divisão da sociedade de classes, não pode exprimir um ponto de vista universal, próprio da comunidade humana. O capitalismo ao gerar um elevado desenvolvimento tecnológico, ao aumentar os níveis de produtividade do trabalho humano e criar o proletariado industrial, estabeleceu as premissas necessárias à superação desse estado de coisas. Sobretudo, porque em sua ascensão, a classe trabalhadora prepara a instauração de uma nova sociedade, na qual a propriedade privada e a divisão social do trabalho tendem a se extinguir.

Corroborando com tal visão, Mészáros (2005), identifica

nosso tempo como o da crise estrutural do capital que só pode ser superada com a superação do próprio capital. Ela acentua as tendências destrutivas, regressivas e de estranhamento nas relações sociais. Por isso, a atualidade e a urgência da revolução socialista, para barrar a barbárie e para promover a emancipação humana, superando o capital.

Destaca o autor, que não há um horizonte possível para a formação educacional humanista, libertária e reflexiva que emancipe o homem da dominação, dentro de um sistema capitalista em crise. Para Konder (1998), à medida que a classe trabalhadora antecipa, em seu movimento, aspectos da comunidade humana reunificada do futuro, a sua concepção do mundo – o materialismo prático – já apresenta elementos em que se nota a superação da unilateralidade deformadora que tem limitado o alcance das ideologias do passado.

Em Leontiev (s.d.) o conceito de consciência dado pelo materialismo histórico de Marx, é apropriado e discutido por ele em vários de seus trabalhos, sobretudo na obra *O desenvolvimento do psiquismo (idem)*, no qual resgata a concepção materialista histórica no desenvolvimento de sua discussão sobre a consciência.

No Materialismo Histórico Dialético, Marx faz uma distinção entre a situação objetiva de uma classe e a consciência subjetiva dessa situação, ou seja, entre a condição de classe e a consciência de classe. Para ele a mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida, assim, não é a consciência do homem que determina as formas de vida, mas é a vida que se tem que determina a sua consciência.

O homem constitui-se e se transforma ao atuar sobre a natureza com sua atividade e seus instrumentos. Não podemos construir qualquer conhecimento a partir do aparente, pois não se captam as determinações que são constitutivas do objeto. Ao contrário, é preciso rastrear a evolução dos fenômenos, pois estão em sua gênese e em seu movimento as explicações para sua aparência atual.

Para Leontiev (s.d.) “só o aparecimento e o desenvolvimento da divisão social do trabalho e das relações da propriedade privada poderiam atuar de modo que a estrutura inicial da consciência cedesse lugar a uma nova estrutura respondendo às novas condições sócio-econômicas da vida humana” (p.122). Esta nova estrutura da consciência caracteriza-se pela

relação fundamentalmente nova que liga os principais componentes da consciência, os sentidos e as significações, assim veremos que se tornou uma relação de exterioridade.

Por convenção qualifica-se esta estrutura de desintegrada. A transformação essencial que caracteriza a consciência nas condições do desenvolvimento da sociedade de classes é a modificação que sofre a relação que existe entre o plano dos sentidos e o plano das significações nas quais se produz a tomada de consciência.

A segunda transformação fundamental diz respeito às funções da consciência, isto é, os fenômenos subjetivos que constituem o seu conteúdo. Na perspectiva do desenvolvimento funcional da consciência, esta transformação se constitui na formação de processos psíquicos internos.

Um homem que exerça uma atividade que tenha por conteúdo principal estes processos interiores, só pode existir em troca do produto desta atividade se receber uma parte dos fundos da produção material da sociedade. Os produtos ideais da sua atividade própria devem ser transformados para ele em objetos que nada tem de ideal. Essa primeira transformação da consciência, engendrada pelo desenvolvimento da divisão social do trabalho, constitui, portanto, no isolamento da atividade intelectual teórica, perpetuando assim a separação entre trabalho intelectual e manual na sociedade capitalista.

A transformação da consciência mais importante é a mudança de estrutura interna, ela revela-se de maneira evidente nas condições da sociedade de classes desenvolvidas. A grande massa dos produtores separou-se dos meios de produção e as relações entre os homens transformaram-se cada vez mais em puras relações entre as coisas que se separam – se alienam – do próprio homem. O resultado é que a sua própria atividade deixa de ser para o homem o que ela é verdadeiramente.

Esta alienação é criada pelo desenvolvimento das formas de propriedade e das relações de troca. Também os educadores e os que estão em formação fazem parte dos processos sociais que envolvem a alienação e, por outro lado, uma possível luta contra os mecanismos ideológicos das classes dominantes.

Isso leva-nos a pensar a crise educacional e as suas contradições; e ainda, repensar a formação de educadores que ora está fundada na submissão conformista alienante, mas que pode

se voltar para uma formação cuja base é a libertação do homem pleno e emancipado. (TONET, 2005).

À guisa de conclusão

Pensando na emancipação humana e do trabalho, condição necessária para o educador é que acreditamos na necessidade de subsidiar a formação de educadores, seja por meio da reflexão, do debate acadêmico, dos grupos de estudos e pesquisas, ou seja, pela nossa atividade como educadores.

Neste sentido, nos propomos a repensar a formação de educadores como base nos instrumentos teóricos que acreditamos possam subsidiar nossa reflexão junto aos acadêmicos e levar à comunidade científica este debate por meio das publicações, grupos de pesquisa e estudos com outros educadores e acadêmicos.

Acreditamos desta forma, contribuir para o campo tanto da pesquisa como da formação no que se refere ao tema da formação atual de educadores numa sociedade de classes. Como contribuição esta pesquisa prioriza levar ao âmbito acadêmico o debate, a reflexão e o estudo aprofundado e sistemático do tema sobre a formação de educadores numa perspectiva marxiana, que tem por tese a emancipação humana e do trabalho.

Considerando a investigação bibliográfica realizada gostaríamos de destacar a necessidade de levar aos acadêmicos e colegas docentes a importância do desenvolvimento da reflexão crítica sobre a influência da ideologia e da constituição da consciência na formação de educadores, contribuindo assim, para se repensar o processo educacional destes na educação superior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTTOMORE, T. et. al. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CHAKHNAZÁROV, G. e KRÁSSINE, I. **Fundamentos do marxismo – leninismo**. Moscou: Progresso, 1985.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- GOENDER, J. **Coerção e consenso na política**. Estudos Avançados.

**FORMAÇÃO DE EDUCADORES: IMPLICAÇÕES HISTÓRICAS DO NEOLIBERALISMO
- IDEOLOGIA E CONSCIÊNCIA**

São Paulo, IEA-USP, 1988.3 (2)

KONDER, L. **Marx: Vida e obra.** São Paulo: Expressão Popular, 1998.

_____. **O que é dialética.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo.** São Paulo: Moraes, s. d.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx.** São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **Filosofia, ideologia e ciência social:** ensaios de negação e afirmação. São Paulo: Ensaio, 1993.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.